

PLANETA COFERPOR IDENTIDADES FERROVIÁRIAS E PATRIMÓNIOS INVISÍVEIS

*Da itinerância
dos fundidores
de sinos às
fundições fixas.*

Localizado no centro de Portugal, o Entroncamento nasceu do cruzamento entre as linhas ferroviárias do Norte e do Leste (Espanha). No presente, é uma cidade habitada em larga medida por migrantes, e, sobretudo no passado, por operários ligados à ferrovia. Ao longo do século XX acorreram a esta urbe periférica, vindos das Beiras e do Alentejo, centenas de trabalhadores e suas famílias. Este texto explora fragmentos do quotidiano de alguns destes migrantes. Metodologicamente, é ancorado em etnografia exploratória num dos bairros da cidade. Localizada na Zona Sul da cidade, a Cooperativa de Habitação Económica Ferroviários de Portugal (COFERPOR), foi fundada em 3 de Fevereiro de 1976. A pesquisa exploratória em curso no arquivo documen-

tal da Cooperativa leva-nos aos seus estatutos: podiam ser admitidos como sócios pessoas singulares com “actividade profissional de ferroviários ou (que) estejam ligados por laços de parentesco a algum destes profissionais e façam parte do seu agregado familiar”. O núcleo urbano inicial (anos 1970) compreendia 34 blocos de habitações em propriedade horizontal, num total de 272 fogos de quarto assoalhadas. A habitação era custeada pelos próprios, com pagamentos faseados ao longo de 25 anos e a construção co-financiada por fundos estatais (Fundo de Fomento da Habitação). Na actualidade, entre os espaços sociais construídos, existe um edifício central da Cooperativa onde funciona um café-bar, gerido pelos cooperantes em regime de

trabalho voluntário, e um pavilhão coberto que tem usos múltiplos (onde decorrem aulas de trabalhos manuais, de ginástica e dança). No mesmo edifício, também existe um restaurante e uma papelaria, estes últimos geridos por concessionários privados. Até ao presente, os espaços sociais do bairro são usados pelos residentes em regime de gestão cooperativa, voluntária e rotativa. Num trabalho de investigação recente sobre economia social e solidária, Mónica Ramos analisa este Bairro, desde a sua génese, e coloca em foco a solidariedade inerente à construção social do espaço (Ramos 2013). Com base na etnografia em curso, apresentam-se agora quatro breves estórias espaciais, com vista a ilustrar o quotidiano no bairro.





Hortar e Redistribuir

António Fernandes nasceu na Beira Baixa e é casado com Olívia. Moram num Segundo andar do núcleo original do bairro da COFERPOR. António organiza o tempo entre a casa e a horta. Está reformado desde 2004 e já *hortava* nessa altura. As “hortas do Aparício” são um terreno que é *hortado* por 41 pessoas. Na maioria, os hortelões desta horta são carteiros (hoje reformados). António teve acesso ao espaço através do seu compadre, que é carteiro reformado, e lhe cedeu metade do seu talhão. Só pagam a electricidade para bombear a água do poço até ao talhão respectivo. Regar pode ser um obstáculo porque é por ordem de chegada. A ele já lhe aconteceu ir regar à meia noite por não conseguir vez antes dessa hora. Segundo António, estas hortas do Aparício são muito boas, por terem o poço com água que nunca acaba. Antes de ter esta horta teve outra noutro local, mas só hortava no Inverno e na Primavera por falta de água na estação estival). O futuro da horta apresenta-se incerto devido a rumores de que os descendentes do Sr. Aparício querem fazer um campo de milho ali. Talvez um indício disso seja a notícia de que os hortelãos podem podar as oliveiras por si mesmos e não como aconteceu sempre (era o Sr Aparício mandava podar as oliveiras espalhadas pela horta). António percorre três quilómetros e meio, a pé e/ou de bicicleta, para ir de casa até à horta. O seu vizinho Artur também lá tem um talhão. Na horta do António, ele é o hortelão por excelência. Olívia só lá vai aos domingos. Os produtos que cultiva são escoados através de ofertas a familiares e amigos. Couves, alfaces, coentros, salsa, almeirões, espinafres, feijão verde.

Pardais e migalhas

Os pardais do pátio são outros habitantes da Coferpor. Lucília Pires e Maria Silva, duas vizinhas, moradoras em dois apartamentos de rés-do-chão, alimentam-nos todas as manhãs. Os pássaros aproximam-se em bandos, movimentando-se de cima dos telhados para o chão alcatroado do terreiro das arrecadações (localizadas no pátio entre os prédios). Segundo Lucília, elas não as únicas vizinhas que dão comida aos pardais, mas foram as que primeiro começaram a fazê-lo. As terras da Beira Baixa, de onde ambas são originárias, são povoadas de muitos outros pássaros e este hábito de alimentar os pardais, atirando migalhas para o terreiro do pátio, ajuda-as a rememorar esse contacto com a natureza.

Lucília e os pardais têm um acordo tácito de interacção. Todas as manhãs, depois do pequeno almoço, ela atira as migalhas de pão pela janela e corre o cortinado da marquise. Depois, Lucília fica a observar os pássaros por detrás da cortina, imóvel e em silêncio. É só aí eles, os pardais, começam a aparecer, depois de se sentirem sozinhos. Recolhem a comida e regressam ao cimo dos telhados. Nas refeições do almoço e lanche, Lucília repete tudo outra vez.

Acordeonistas no silêncio do pátio

No mesmo prédio de Lucília Pires, na rua da Coferpor, vivem também Manuel Costa e a sua esposa, Rosa. Natural da Aldeia da Mata (Alto Alentejo), Costa toca com regularidade o seu acordeão. Acordeões soletrados do primeiro andar do seu apartamento e audíveis no silêncio do pátio de traseiras dos prédios. Com as suas mãos de revisor reformado, Costa vai dedilhando escalas crescentes e decrescentes e construindo melodias simples. Esta prática é um reflexo dos novos tempos da sua vida de aposentado e, em particular, da aprendizagem que tem feito na igreja a que pertence. A música, repetida com disciplina, vai sendo replicada para melhorar a linha melódica. Um outro vizinho, o Sr. João Maurício, natural da mesma aldeia, também costuma tocar acordeão na sua arrecadação. Nestes momentos o espaço vazio entre os edifícios enche-se de música.

O Sol e o Vento

Todos os dias, os bancos em frente aos edifícios são ocupados por residentes, na sua maioria ferroviários reformados. Nos dias de sol de inverno, estes bancos são esplanadas improvisadas para estas pessoas. Parece haver uma distribuição por género. Há bancos só de mulheres, e outros, a maioria, só ocupados por homens. O relato seguinte, recolhido na tarde de 18 de Novembro de 2014, mostra fragmentos do quotidiano entre ferroviários reformados, migrantes das Beiras e do Alentejo e residentes na cidade: “O sol hoje aguenta-se melhor do que ontem, ontem estava mais rijo”, diz o vizinho Correia para o Sr. Leote. (...) Este responde: “O sol em se começando a meter aí por detrás da escola começa logo a arrefecer. É na altura que a gente vai pra casa. É o tempo do frio, não há que parecer mal”. Silêncio. Ao longe, ouvem-se sons de máquinas. Dois outros vizinhos, o Sr. Mirante e o Sr. Abílio, chegam junto ao banco, cumprimentam os presentes e seguem até ao banco seguinte, onde se sentam. O vizinho Abílio vem acompanhado da bisneta. O Sr. Correia diz que ele é que a tem criado. Silêncio. “Vamos lá ver se a gente chega ao Natal”, diz Joaquim Leote. Joaquim Leote diz ainda que “o vento de vez em quando vem daqui deste lado (do lado do frontal face ao banco). De novo, o silêncio. “Olho o gajo a dar aí uma volta”, diz o Sr. Correia. (Continuam a falar sobre o vento). A conversa continua depois, intermediada por silêncios, por mais uma meia hora, até que o sol se põe “por detrás da escola”, esvaziando o banco dos seus habitantes.

A identidade migrante, operária e ferroviária dos residentes e suas famílias parece ser um marco distintivo da ocupação sócio-espacial da Coferpor, a qual se opera até ao presente. Decorridas três gerações de residentes no Bairro, a identidade ferroviária parece manifestar-se ainda, resilientemente, no espaço, não obstante a reconfiguração contemporânea dos residentes e suas famílias. A identidade de classe gerou práticas sociais de mobilidade espacial (como o uso colectivo do comboio para deslocações familiares de “ida à terra”, nas Beiras e/ou no Alentejo; a apropriação de espaços baldios pelos residentes para cultivo de hortas, como a descrita acima; etc). Algumas das profissões existentes inicialmente (maquinistas, electricistas, contramestres, operários, escriturários, manobreadores, revisores, inspectores, etc) foram transmitidas geracionalmente em algumas famílias.

Sabemos que lugares como a Coferpor são exóticos face aos actuais “regimes patrimoniais” e que as suas práticas sociais são algo improváveis para integrarem listas de processos de patrimonialização. Ainda assim, as práticas sociais observadas neste bairro são bons exemplos para se pensar a condição humana, a contemporaneidade e as valorações que os cidadãos comuns fazem sobre os seus lugares de existência.

Referências:

De Certeau, Michel 1988 (1984) *The Practice of Everyday life*, Berkeley, University of California Press.
Ramos, Mónica (2013) *A História da COFERPOR – Um estudo sobre os conceitos de Economia Solidária*, Dissertação de Mestrado em Economia Social e Solidária, Lisboa, ISCTE-IUL, (55pp+anexos).
Smith, Laurajane (2006) *Uses of Heritage*, Oxford, Routledge.
Outros documentos: *Arquivo da COFERPOR*, Entroncamento (s.d.)

Agradecimentos: Aos moradores da Coferpor e dirigentes da cooperativa. As famílias Silva, Fernandes, Leote, Costa; e aos meus pais, Júlio e Lucília Pires.